

LIVROS

MEMÓRIAS

# Patty Hearst e sua estranha conversão

LUÍZ GARCIA

O SEQUESTRO DE PATTY, ("Patty Hearst: her own story"), de Patricia Campbell Hearst. Tradução de Vera Bloch Wrobel. Editora Record, 544 páginas. Ainda sem preço.



William Randolph Hearst construiu sua fortuna (muito além daquela que herdara) em cima de emoções baratas e fortes. Sua fórmula para vender jornal era uma soma de sensacionalismo e patriotismo reacionário. Hearst estava morto há muito tempo quando, em fevereiro de 1974, sua neta Patty — tinha 20 anos, era estudante na Califórnia e morava com um namorado — foi seqüestrada por um grupo terrorista, tornando-se personagem central de uma aventura que vendeu milhões de exemplares de todos os jornais e ocupou horas sem fim nas telas de televisão.

Vovô teria ficado perplexo: era uma história tão sensacional que dispensava a contribuição ficcional do sensacionalismo. Rica herdeira, jovem e bonita, é mantida em cativeiro por um bando de terroristas literalmente fedorentos. Passa meses trancada num armário. É obrigada a ir para a cama com os seqüestradores — um deles NEGRO! Acaba aderindo ao bando. É filmada assaltando um banco. Quase todo o grupo (o mirabolante Exército Simbionês de Libertação, espécie de paródia patética do radicalismo político dos anos 60 e 70 nos Estados Unidos) morre queimado quando centenas de policiais cercam e incendeiam seu esconderijo. Patty passa dois anos na clandestinidade. É presa, julgada e condenada. Recupe-



Patty Hearst: de herdeira rica e bonita a guerrilheira de um grupo radical

Luiz Garcia é redator do GLOBO.

ENSAIOS

# O testamento de Bettelheim

ALI KAMEL

A VIENA DE FREUD E OUTROS ENSAIOS, ("Freud's Vienna and other essays", de Bruno Bettelheim. Tradução de Lia Alverga Wyler. Editora Campus, 265 pgs. Ainda sem preço.

O psicanalista Bruno Bettelheim, que se tornou conhecido do grande público por suas obras de psicanálise infantil, surpreendeu o Mundo no ano passado quando decidiu se retirar dele, matando-se aos 87 anos. Em 89, poucos meses antes do suicídio, ele publicou nos Estados Unidos "A Viena de Freud e outros ensaios". Trata-se de uma coletânea de artigos, escritos em diferentes épocas, sobre os três temas que o cercaram ao longo de toda a vida: a psicanálise, as crianças e o Holocausto (ele foi prisioneiro por mais de um ano em campos de concentração nazistas).

Na verdade, o livro é uma espécie de testamento, porque ao longo de todos os textos, como pano de fundo, está a vida de Bruno Bettelheim e sua experiência pessoal em relação a esses grandes temas. Foi a forma que ele encontrou para falar de si, fugindo de uma autobiografia convencional. E na introdução ele explica por que: ele concorda com a opinião de Freud de que a pessoa que se dispõe a escrever uma biografia (ou autobiografia) "se obriga a mentir, a ocultar ou a lisonjear". Ao optar, no entanto, por falar de si, falando de outros, Bettelheim percorre o caminho que quis evitar. Nos artigos, está apenas uma tênue imagem do autor, retocada, correta, asséptica, ao lado de opiniões pessoais, polêmicas e muitas vezes injustas sobre os personagens a respeito dos quais escreve. Para os apaixonados por psicanálise, porém, é leitura obrigatória. E só não se deixar levar pela irritação.

Motivos, contudo, não faltam. A primeira parte do livro — a que trata de psicanálise — é a mais viva e interessante, mas também a mais polêmica. O artigo que dá nome ao livro tenta "provar" que a psicanálise não poderia ter surgido em outro lugar que não Viena, terra natal de Bettelheim, onde Freud morreu por quase toda a vida. É uma espécie de "determinismo geográfico" com mais de um século de atraso. Bettelheim descreve a desintegração do Império Austro-húngaro e a crise na corte imperial para mostrar que, ante a derrocada do mundo exterior, Viena voltara-se para o mundo interior: as artes, a filosofia e as ciências moviam-se em um ambiente em que Eros e Tanatos, o sexo e a morte, eram dominantes. Os exemplos abundam, o destaque indo para a morte do príncipe herdeiro, que matou a amante, suicidando-se a seguir, logo após terem mantido relações sexuais. E o autor não deixa sequer de fazer referência ao ambiente "alegre" em que Viena vivia, com suas festas e bailes. Guardadas as devidas proporções, o artigo parece ser a



Muitas vezes na vida me perguntaram quais as influências que mais marcaram a minha formação e o meu trabalho. Obviamente, as influências mais importantes de alguém são as dos pais e da família, mas se eu me concentrasse nelas, acabaria escrevendo uma autobiografia. E, sendo seguidor de Sigmund Freud, acredito que a opinião do mestre se aplica com maior propriedade às autobiografias, ou seja, que a pessoa que se dispõe a empreender tal tarefa "se obriga a mentir, a ocultar, a lisonjear". E quando fiz força para lembrar os acontecimentos que marcaram a minha vida, me apercebi da tendência para enfatizar a importância de alguns acontecimentos e convenientemente esquecer outros, tal qual prevenira Freud. Assim, se eu pretendesse discorrer sobre material de interesse particular em um livro, teria que fazê-lo de outra forma.

contrafação erudita do principal argumento de que os primeiros detratores de Freud usavam: o de que a psicanálise só poderia ter surgido na promíscua e devassa Viena. Um é o elogio, o outro a crítica, mas ambos se encontram no equívoco. No fundamental, o que Bettelheim diz de Viena poderia ser dito de várias cidades, Paris, por exemplo. E o que acontecia nas artes e nas ciências em Viena era um reflexo do que acontecia no mundo das idéias em todo o Ocidente. A psicanálise nasceu em Viena porque ali estava um gênio, Freud, que soube ouvir suas históricas (austriacas, inglesas, francesas). E que não partiu do nada: não se pode esquecer que foi em Paris, assistindo às aulas de Charcot, que Freud percebeu, pela primeira vez, que as históricas não eram simples mentirosas. Em "Uma assimetria secreta", outros motivos para irritação. Com base no livro de Aldo Carotenuto, Bettelheim descreve a relação entre Sabina Spielrein e Jung e Freud. Sabina foi a primeira paciente que Jung tratou de acordo com os métodos psicanalíticos. Curou-se e acabou apaixonando-se por Jung para es-

cândalo da mulher dele e da mãe de Sabina. Freud tomou conhecimento do caso, mas manteve-se discretamente afastado. Até aí, o mérito é de Carotenuto, pois foi ele quem recuperou a deliciosa história, com pesquisa em cartas e diários, esforçando-se para deixar claro que o envolvimento de Sabina com Jung fora platônico. A contribuição de Bettelheim é que é duvidosa: ele chega à conclusão de que Sabina e Jung realmente foram amantes. E mais: afirma, sem firme sustentação, que os conceitos de anima, sombra e persona, fundamentais na psicologia junguiana, e o conceito de pulsão de morte, um pilar da psicanálise de Freud, provêm de Sabina, que depois de curada tornou-se importante psicanalista, fazendo parte inclusive da sociedade psicanalítica de Viena. Algo que, se fosse verdade, teria o efeito de uma hecatombe na história da psicanálise. Mas o artigo, publicado inicialmente em 83, não encontrou qualquer ressonância. Fica a impressão de que o que está na mente de Bettelheim é o velho clichê de que atrás de todo grande está sempre uma grande mulher. Em toda esta primeira

parte, a nota positiva vai para o artigo em que ele relata como descobriu a psicanálise. Aos 13 anos, apaixonado por uma menina, ficou enciumado quando esta dera mais atenção a um rapaz de 19, discípulo de Freud, que tudo sabia de psicanálise. Enfurecido, ele resolveu estudar a fundo o assunto, e nunca mais parou. A namorada foi-se embora, mas ele já estava apaixonado pelos ensinamentos de Freud. Mesmo aí, porém, o gosto que fica é o do fait divers.

A maior injustiça é o capítulo "Duas visões de Freud", em que ele comenta as biografias de Freud que Ernest Jones e Erich Fromm escreveram. Depois de lembrar que o trabalho de Jones foi tido pela crítica internacional como uma "obra prima da biografia contemporânea", Bettelheim dedica-se a tentar demolir-lo. Seu principal argumento: a biografia de Jones não retrata o Freud real, mas a visão que Jones tem dele. Ora, no limiar do século vinte e um, quando toda a crença na objetividade cai por terra, este argumento chega às raízes do cômico. Diz Bettelheim que Jones é parcial, injusto e se deixa levar por suas impressões pessoais dos episódios a que presenciou. Pois é este mesmo o mérito de Jones: mais de trinta anos depois de publicada, e mesmo depois da aclamada biografia de Peter Gay, a obra de Jones segue sendo um marco importantíssimo na história do movimento psicanalítico. Quem quer que se disponha a comparar as biografias de Jones e Gay verá que a segunda, em relação à primeira, tem um gosto de déjà vu, naturalmente com uma cesta maior de informações. Mas o essencial já estava em Jones. Bettelheim prefere comparar Jones a Erich Fromm, que escreveu um ensaio mediocre, com uma pobre pesquisa biográfica, cuja intenção é na verdade "psicanalisar" Freud, o que para qualquer psicanalista de bom senso é tarefa, se não ridícula, impossível. Só a título de exemplo: Bettelheim se compraz com a opinião de Fromm de que Freud queria ser mais um reformador de consciência, um líder político, do que um cientista da mente. Comparar isto a Jones é piada.

As duas outras partes do livro seguem mornas, sem polêmica, com Bettelheim escrevendo com emoção sobre o Holocausto e falando dos livros que o influenciaram ao longo da vida, das crianças nas cidades, da relação das crianças com os museus, da influência da tv na vida infantil e das crianças autistas, às quais o autor dedicou toda a vida. É verdade que aqui e ali, os clichês voltam a aparecer, e é mesmo difícil seguir adiante na leitura de um artigo de cinema, quando o texto começa dizendo que "o cinema é nossa arte universal que engloba todas as outras: a literatura e a representação, a cenografia e a música, a dança e a beleza da natureza, o uso da luz e da cor". Alguma novidade? Não, mas não custa avançar. Um pouco de irritação vale a pena.

Ali Kamel é redator do GLOBO

TESTEMUNHO

# Reconstrução de uma época

MOACYR DE GÓES

O PADRE DO DIABO — A IGREJA AUSENTE NA HORA DE MUDAR, de Padre Lage. EMW Editores, 208 pgs. Cr\$800,00

"Sofrer tem seu momento: ter sofrido durante a vida toda". Esta tristeza profunda de Leon Bloy constrói a última página do livro do Padre Lage. Este é um livro de memórias que, ao registrar um testemunho, se afirma, também, como denúncia de um tempo sombrio. Francisco Lage Pessoa — o Padre Lage — nasceu em Ferros, MG, em 1917. Estudou em Mariana e Petrópolis, ordenou-se Padre em 1942 e faleceu, recentemente, em Belo Horizonte, reduzido ao estado leigo, casado, pai de um filho.

O livro não se limita a contar o desencanto do ex-lazarista da Congregação da Missão com a Igreja. Pelas suas páginas há toda a reconstrução de uma época histórica, dos idos de 1930 nos seminários mineiros, aos anos 80, no exílio do México. Como Gramsci que, no cárcere, escreveu valendo-se do conhecimento e da memória, o Padre Lage, no exílio, usa os mesmos instrumentos de trabalho para cons-

truir a sua obra. O texto flui, como a memória daquele rio Santo Antônio, que banha a infância pobre do autor, quando começa o "lento aprendizado da pobreza"; ele se aperfeiçoa à frente de paróquias operárias e de favelas; consolida-se quando da organização dos sindicatos camponeses, no enfrentamento dos rifles dos donos da terra, no Governo Jango. O golpe de Estado de 1964 encontra o Padre Lage firmemente plantado nos terrenos do sagrado e do político. No primeiro, pode ser considerado um profeta da Teologia da Libertação, com um discurso apaixonado e uma prática de defesa dos pobres. No segundo, alcançara a suplência de deputado federal pelo PTB (companheiro de Santiago Dantas) e era autoridade na SUPRA (Superintendência da Reforma Agrária).

A prisão do Padre Lage, a tortura e a sua condenação a 28 anos de cadeia pela auditoria militar de Juiz de Fora estava na "lógica dos tempos". O que depõe contra a inteligência dos julgadores é a escolha do crime: o Padre, a preço de dinheiro, tentara vender o Brasil ao Vietnã de Ho Chi-Mim! Em abril, Minas promoveu a sua "Marcha da Família com Deus pela Liberdade".

quando o bispo Sigaud pediu o fuzilamento do Padre Lage e, pouco depois, a cúpula da Igreja assinava um manifesto agradecendo aos militares terem salvado o Brasil do comunismo ateu. O contraponto foi dado D. Pelé (José Maria Pires, hoje Arcebispo de João Pessoa), que se apresentou ao comandante do IPM para ser preso, porque tinha as mesmas idéias do Padre Lage. Em mais de um ano no cárcere brasileiro e por 20 anos no exílio do México, o Padre Lage sofreu de uma grande solidão, sem o apoio da hierarquia da Igreja. Mais uma vez a Igreja servira de canal vertical de ascensão social de um menino pobre e incentivara-o à prática de um evangelho libertário e igualitário. Na hora do testemunho e do martírio, todavia, ele ficou só.

Conta o Padre Lage que nos anos 70, no México, recebeu um telefonema de D. Paulo Evaristo Arns, ainda bispo auxiliar na Grande São Paulo, consolando-o: "Se o seu caso se desse hoje, a Igreja o teria defendido", disse. "Mas, agora, já é tarde" — foi a resposta do Padre Lage.

Moacyr de Góes é ex-secretário de Educação do Rio de Janeiro e de Natal

OS LIVROS DA MINHA VIDA

— Qual é o seu livro de cabeceira? — Leio constantemente trechos do "Velho Testamento" e poemas de Goethe, de uma edição portuguesa bilingüe. — Que leitura foi importante para seu trabalho de artista plástica? — Nos anos 60, a leitura de "Psicologia e alquimia", de Jung, foi fundamental para a compreensão da arte como transformação. A partir daí dei mais atenção ao processo de pensar e fazer. "Naissances mystiques", de Mircea Eliade, também foi importante.

ANA BELLA GEIGER



Os mais vendidos

FICÇÃO		NÃO FICÇÃO	
1	Agosto Rubem Fonseca - Companhia das Letras (16)		Nyel Rosa, uma biografia João Máximo & Carlos Didler UNB/Linha (11)
2	Lembranças da meia-noite Sidney Sheldon - Record (16)		Chega de saudade Ruy Castro - Cia. das Letras (18)
3	As mil e uma noites Brasiliense (7)		Saddam e as crises do golfo Judith Miller & Laurie Mylroie Escrita Oficina (8)
4	O clube da felicidade e da sorte Amy Tam - Rocco (14)		Esse desconhecido Oriente Médio Mansour Chalhif - Revan (6)
5	Brida Áulo Coelho - Rocco (32)		O martelo das feiticeiras Kramer & Sprender - Rosa dos Tempos (3)
6	As cidades invisíveis Italo Calvino - Cia. das Letras (5)		Virando a própria mesa Ricardo Semler - Best Seller (17)
7	O alquimista Paulo Coelho - Rocco (55)		Ame e dê vexame Roberto Freire - Guanabara (51)
8	Hollywood Gore Vidal - Rocco (4)		História social do jazz Eric Hobsbawm - Paz e Terra (7)
9	O ônus da prova Scott Turow - Record (10)		Nostradamus e o milênio John Hogue - N.Fronteira (4)
10	Jornal da noite Arthur Hailey - Record (21)		História da vida privada P. Arles & G. Duby Cia. das Letras (30)

Os dados para esta pesquisa foram colhidos nas livrarias: Saravia (Centro); Livrarias Siciliano (Centro, Ipanema, Copacabana (2) e Barra-Shopping); Timbré (Ipanema e Gávea); Eça & Cia e Dazibao (Ipanema); Xanan e Eu & Você (Copacabana); Francisco Alves (Centro); Unilivros/Leblitz; Copacabana e Largo do Machado; Eldorado-Skle e Santo Afonso (Tijuca); Melhoramentos (Saenz Pena); Soddler (Rio-Sul); Riomarket (Botafogo); Ponto d'Encontro I e II (Teresópolis). Entre parêntesis o número de semanas em que o livro figura na lista.